

## EDUCAÇÃO E INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE TERRITÓRIOS E FRONTEIRAS SOCIOCULTURAIS EM CONTOS NEGREIROS, DE MARCELINO FREIRE

ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de<sup>1</sup> and AZEVEDO, Sérgio Luiz Malta de<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Doutora em Literatura e Cultura, professora adjunta da UFRPE/UAST, coordenadora de área do PIBID Letras, colaboradora editorial da revista Rios (FASETE). [socorroalmeidalettras@gmail.com](mailto:socorroalmeidalettras@gmail.com) e <sup>2</sup>Doutor em Geografia, professor associado I da Unidade Acadêmica de Geografia da UFCG, Coordenador pedagógico do curso de Geografia e coordenador de área do PIBID. [maltaslma@gmail.com](mailto:maltaslma@gmail.com)

### Resumo

Este artigo traz uma leitura dos contos de Marcelino Freire, inseridos no livro *Contos negreiros*, numa abordagem interdisciplinar, em que se fundem várias visões de mundo em perspectivas literário-geográficas. Parte-se dos pressupostos de que as construções indenitárias, étnicas e culturais das minorias constroem territorialidades e desvendam fronteiras culturais. Nesse sentido, considera-se que a estimulação pedagógica pela leitura de gêneros literários no ensino básico, tratados numa perspectiva integrada e contextualizada conjuntamente, contém uma dimensão que aglutina, ao mesmo tempo, conteúdo, transposição didática e práticas de ensino além de fomentar o interesse pela leitura e despertar o senso crítico. Nesse ínterim, tanto as concepções teórico-conceituais quanto as metodologias de ensino, são ampliadas e valorizadas pela formação contextual e significativa dos estudantes em geral. O estudo, entre outros aspectos, permite ao educando-leitor, a possibilidade de reflexão sobre as “plataformas sociais” dos espaços em que vive ou presencia a vivência de outrem. O texto está embasado nas perspectivas teórico-críticas e epistemológicas do ensino de Literatura, Geografia, Cultura e Ciências sociais, beneficiando-se também de outras abordagens subsidiárias à argumentação do tema da pesquisa. Ao final do estudo, foi possível observar que o ensino de Literatura e de Geografia, assim como de outros campos disciplinares, reúnem composições integradas que em muito contribuí para os processos de inovação das aprendizagens em vários níveis de ensino. O estudo, entre outros aspectos, mostra que os contos de Marcelino Freire apresentam territórios e fronteiras socioculturais que separam mundos em um mesmo espaço, além de darem voz às minorias.

**Palavra Chave:** Educação. Cultura. Interdisciplinaridade. Literatura. Geografia.

### Abstract

This article brings up an analysis of the stories of Marcelino Freire, told in the book *Contos Negreiros*, under an interdisciplinary approach in which are fused several points of view into literary-geographical perspectives. We start from the assumption that the identity, ethnical and cultural constructions of the minorities build territorialities and unveil cultural borders. In this sense, it is considered that the pedagogical stimulation through the reading of literary genres in basic education, treated in a simultaneously contextualized and integrated perspective, contains a dimension that agglutinates, at the same time, content, didactical transposition and teaching practices, besides fomenting the interest for reading and the construction of a critical sense. Meanwhile, both the theoretical-conceptual theories and teaching methodologies are amplified and valued by the contextual formation and by a significant part of the students. The research, among other aspects, makes possible to the reader student the possibility of reflecting about the “social platforms” of the spaces where it lives or where it witnesses the life of someone else. The text is based on the theoretical-critical and epistemological perspectives of the teaching of Literature, Geography, Culture and Social Sciences, also making use of other approaches associated to the argumentation of the research field. At the end of the study, it was possible to observe that the teaching of Literature and Geography, as well as other subjects, gather integrated compositions that greatly contribute to the processes of innovation of learning in different educational levels. The research shows that the narratives of Marcelino Freire represent sociocultural territories and borders that separate worlds of the same space, being also evident that the author tries to make hearable the voices of minorities.

**Key words:** Education. Culture. Interdisciplinarity. Literature. Geography.

## INTRODUÇÃO

O conhecimento<sup>1</sup>, hoje mais do que nunca, e em qualquer campo disciplinar, deve priorizar as inter-relações empíricas, teórico-conceituais e epistemológicas entre as ciências, de modo que possamos produzir conhecimentos estruturados de forma conjunta, afim de que o resultado de uma pesquisa reflita um amalgama, entrelaces em que o conjunto de relações se disponha como uma ampla rede de vínculos entre os fenômenos estudados, na busca daquilo que costumamos chamar de totalidade do conhecimento. Ressalta-se, no entanto, que essa busca não é um caminho fácil, nem se pode dizer, que através dela se chegue a respostas definitivas, ao contrário, ela enseja novos questionamentos que retroalimentam o processo de busca do conhecimento.

Por outro lado, muitos aspectos de diferentes contextos, sociais, culturais, políticos, ambientais, étnicos e de relações de gêneros, permeiam a educação e não podemos nos furtar em oferecer ao jovem leitor, instrumentos que possam contribuir para inserção dele no mundo também como sujeitos produtores e críticos. Nesse aspecto, a literatura é um grande contribuinte para atravessar a ponte do olhar ingênuo para a reparação crítica de modo que possa aguçar o fator humano-existencial em relação a si, ao outro e aos demais seres do planeta.

Nesse contexto, este artigo tem como objetivo de produzir reflexões acerca do encontro entre Literatura e Geografia, observando como a literatura se entrelaça com a abordagem espacial e com outros contextos ligados a vida humana, e/ou como a geografia se insere no campo literário para produzir conhecimentos lítero-geográfico. Propomos uma perspectiva pedagógica pela qual se pode tirar proveito dos processos de ensino-aprendizagem, no caso aqui proposto, nos Contos Negreiros de Marcelino

Freire, convidando aqueles que se aventuram por “mares revoltos”, para refletir sobre a ideia de interação interdisciplinar entre esses dois campos de conhecimento.

Diante dessa premissa, trazemos os contos de Marcelino Freire, constantes no livro *Contos negreiros* (2010) para uma observação reflexiva dos aspectos literários e de como os conhecimentos se interpõem para explicar a produção de territorialidades e de fronteiras sociais e culturais criadas ideologicamente pela sociedade, que estão essencialmente inseridas no contexto de literalidade expresso pelo autor.

Para tanto, fundamentamos o estudo em múltiplas abordagens em que se encontram a interação entre vários campos de conhecimento tais como: estudos da Educação, da Literatura, da Geografia, Ecologia, Sociologia e Estudos Culturais. Acostando-nos, na orientação dessas leituras, nos matizes teóricos da crítica literária e da perspectiva crítico-social em que as relações sociais são observadas como um processo contraditório e desigual. Com menor densidade, nos apropriaremos dos estudos fenomenológicos, quando procuramos captar os movimentos subjetivos e os espaços existenciais da trama e dos personagens-sujeito desse estudo. Para isso, contamos, entre outros, com o auxílio científico de Antonio Cândido, Alfredo Bosi, Nadia Gotilib, Walter Benjamin, Manuel Castells, Boaventura de Souza Santos e Milton Santos.

Nesse contexto, é possível inferir que a pesquisa acadêmico-científica não deve ser desenvolvida de forma exclusivista, e sim, numa perspectiva que alcance a escala da alteridade, assim como propõe o próprio Freire que, em seus contos, procura dar voz aos excluídos, mostrando uma sociedade hegemonicamente estruturada pelo olhar e ações de quem está do ‘outro lado da linha’, como bem observa Boaventura Santos (2010) ao falar das linhas abissais que ainda resistem na sociedade moderna em várias dimensões.

Percebemos a importância da Literatura para educação e para a vida por muitos meios, sejam

1 A pesquisa, agora ampliada e atualizada, foi apresentada em fase inicial, no COBESC - Colóquio Brasileiro Educação na Sociedade Contemporânea, em 2014.

epistêmicos, empíricos ou normativos, como já contempla a LDB (1996, p. 40) em que se encontram alusões à literatura como a seguinte: “não mais se compreende a literatura separada da língua, pois ela é da mesma forma compreendida como representação simbólica das experiências humanas manifestas nas diferentes formas de sentir, pensar e agir na vida social”.

Sendo o conto um tipo de narrativa curta, mas com todas as perspectivas e atrativos que requer um texto literário, e diante das atribuições de tarefas e o pouco tempo dedicado à leitura, pelos jovens em geral, esse tipo de narrativa, (ainda que não exclusivamente), pode ser uma forma de produzir um aprendizado prazeroso e proveitoso, assim como também despertar o gosto pela leitura literária e geográfica, na medida em que pode proporcionar, ao jovem-leitor, o desenvolvimento crítico e a autonomia de pensamento para fazer, ele mesmo, suas escolhas com relação ao que lê<sup>2</sup>, assim como também assumir suas escolhas na vida.

## **EDUCAÇÃO, LITERATURA E GEOGRAFIA: DIALOGANDO SABERES, RELACIONANDO DIFERENÇAS**

Nesse capítulo, partimos do pressuposto de que a educação constitui um conjunto de saberes que se caracterizam muito mais por processos assimétricos do que simétricos, ou seja, orientados, sobretudo, pelas diferenças dos sujeitos aprendentes. Assim, a relação professor-estudante é orientada pela premissa de que esses sujeitos estão lidando com um processo comunicacional no qual Lessard e Tardif (2013, p. 249) nos assevera:

[...] ensinar não é, tanto, fazer alguma coisa, mas fazer com alguém alguma coisa significativa: o sentido que perpassa e se permuta em classe, as significações comunicadas, reconhecidas e partilhadas, são, o meio de interação pedagógica. [...] [assim] a pedagogia escolar se dirige primeiramente a outro – um outro coletivo – graças a atividade do sujeito que fala, cujas ações são dotadas de sentido e que se esforça de todas

2 Entenda-se a palavra ler em sentido amplo e porosa, já que ler não é exclusivo de nenhum campo de conhecimento, daí podermos distender o conceito de leitura que, por entrelaces, permite ultrapassar as fronteiras disciplinares.

as maneiras para obter sua colaboração.

É por esse motivo que as atividades de ensino-aprendizagem são eminentemente interativas e significativas. Interativas porque a cooperação não se dá somente pela ação individual dos estudantes, mas por um sistema de correlações comunicacionais, seja através de discussões oriundas da cotidianidade, seja pelos temas e ações que se dão no âmbito das estimulações pedagógicas numa aula. São significativas porque os sujeitos envolvidos com a aprendizagem são dotados de uma carga cultural que projeta e se liga por integração pedagógica na promoção de processos de aprendizagens. Um bom exemplo disso, são “as significações, comunicadas, reconhecidas e partilhadas nas interações pedagógicas” (LESSARD et al., 2013, p. 249) entre Literatura e Geografia. Daí a necessidade de ultrapassar o nível da disciplinaridade e avançar no plano das relações e integrações disciplinares, por meio da interdisciplinaridade.

Para início dessa reflexão cabe esboçar as aproximações e apreciações da Literatura, em termos dos contributos para se desfrutar de conhecimentos que transitam entre a condição fictícia e o caráter mundano e universal de seus postulados, tal é a intrincada trama que entrecruza a tênue linha entre a ficção e a realidade, aspecto já observado por Antonio Candido (2006) quando observa que a realidade externa não passa despercebida pelo olhar do autor e que o texto literário, embora tenha que ser visto internamente, num mundo próprio da literatura, há uma realidade no contexto literário que remete a outras realidades. Assim, vemos na obra que analisamos nesse estudo, uma ficção que se aproxima de fatos e aspectos contemplados pela sociedade atual. Conquanto, a Literatura como forma de expressão social, caso do contista Marcelino Freire, tem trazido enormes contribuições ao entendimento do Homem, enquanto sujeito caracterizado por diásporas culturais e étnico-raciais.

Nesse caso, as tramas das relações humanas, em suas vicissitudes, ambiguidades e paixões, vão sendo desveladas pela sensibilidade literária que encontra no texto, não só a oportunidade

de dialogar com o mundo das coisas que o cerca, mas também com o outro, o sujeito para o qual se projeta o intelecto cognoscente e de quem se espera a sensibilização literária. Dessa forma, pode-se dizer que o texto literário traz à tona o sentimento de alteridade, ao incitar a ação do sujeito encontrando-se consigo mesmo e com o outro nas redes de relações lentificadas pelo produtor literário.

No Brasil, raros são os estudos geográficos que estabelecem aproximação temática com a produção literária. Nesse sentido, pode-se dizer que a compreensão do espaço geográfico tem se voltado para os temas tradicionais da análise espacial. Só para citar um exemplo, basta considerarmos a ênfase dada aos estudos dos problemas estruturais da sociedade brasileira na Geografia, cujas matrizes teóricas alcançam e enlaçam diversas concepções e abordagens, indo desde os estudos que visam compreender o funcionamento da sociedade, considerando que os elementos que a constituem podem ser apreendidos em si mesmos, até aquelas que procuram compreendê-la a partir do sistema econômico dominante, ou seja, aprendizagens calcadas em concepções socioespaciais contemporâneas e focadas no entendimento crítico-social das relações capitalistas.

Com relação aos estudos geográficos que transitam na interface entre Geografia e Literatura, pode-se dizer que a maioria dos trabalhos parte da abordagem fenomenológica, na qual se propõem transcender a lógica formal do conhecimento, de cunho racionalista, descritivo e nomotético para uma abordagem que considere os sujeitos como dotados de percepções, valores simbólicos e de representações que expressam os sentimentos dos espaços percebidos por indivíduos. Para tanto, a fenomenologia vale-se da análise do sujeito percebido, que utiliza, seletivamente, filtros psicológicos, seja individual ou coletivamente do imaginário social, para a representação espacial. Tais filtros exercem papel crucial nas percepções do espaço, de vez que considera as sensações como estratégias seletivas, sejam para fazer emergir determinados pensamentos ou para adormecer outros não validados por tais filtros.

Ressalte-se que, no caso desse estudo, não obstante a importância da fenomenologia, predominará como abordagem teórico-conceitual a perspectiva crítico-social, na qual a análise dos personagens e a trama desenvolvida nos contos negreiros, de Marcelino Freire, são analisados a luz dos processos que presidem as relações capitalistas, ensejando análises críticas, próprias do movimento dialético de tais relações que, ao nosso ver, são contraditórias e desiguais.

## **CONTOS NEGREIROS TERRITÓRIOS E FRONTEIRAS CULTURAIS E SOCIO-ESPACIAIS**

A história da humanidade atesta que o ato de contar e ouvir histórias sempre reuniu pessoas em todas as culturas, desde sociedades tribais, ditas primitivas, até às sociedades que se encontram no cerne das identidades pós-modernas e, com o passar dos tempos, foram aparecendo novas maneiras de narrar. A narrativa nasceu da necessidade do homem de contar fatos e experiências vividas e foi esse narrador, nascido do senso comum da humanidade, que atravessou séculos e, embora em 'extinção', como afirma Walter Benjamin (1994), ainda existe entre nós. Para Benjamin, o narrador tradicional é aquele narrador oral antigo que não tinha pressa, daí porque a riqueza de detalhes na maneira de se fazer arte antigamente, já o narrador atual é sintético e fragmentário. Na visão do crítico, é mais um cronista que sintetiza o conteúdo para, através de flagras ou flashes, contar algo instantaneamente.

Desse modo, independente do tipo e do público ao qual é direcionado, o conto sempre teve e ainda continua tendo lugar importante na vida das pessoas. Ressalta-se que, o conto nascido através da transmissão oral passa a ser registrado pela escrita quando o narrador, segundo Nadia Gotilib (2003, p. 13) "assume a função de contador-criador-escritor de contos, afirmando, então, o seu caráter literário". Para Gotilib, a voz do narrador, seja na forma oral ou escrita, interfere no discurso, mas, segundo a autora, "esta voz que fala ou escreve só se afirma enquanto contista quando existe um resultado de



ordem estética, ou seja, quando consegue construir um conto que ressalte os seus próprios valores enquanto conto, nesta que já é, a esta altura, a arte do conto, do conto literário” (2003, p. 13). Nesse contexto, os contos de Marcelino Freire vêm ratificar as palavras de Gotilib, uma vez que se trata de uma obra polifônica em que ecoam as muitas vozes perdidas na imensidão de um vazio social.

O livro *Contos negreiros*, de Marcelino Freire, é composto de dezesseis contos, que são chamados de cantos, porque todos têm um ritmo, uma sonoridade musical, uma cadência que alimenta a leitura e a oralidade dos textos. Cada canto apresenta uma situação de vida de quem fala, dando, à obra, um contexto de múltiplas vozes e várias realidades sociais e culturais.

É possível observar que esses contos têm um teor de revolta e de sede de liberdade. Há uma tentativa de chamar atenção dos olhares dispersos, ‘viseirados’ por uma sociedade que ainda tenta manter uma cortina de fumaça sobre a realidade social do país. São vozes de excluídos sociais que tentam mostrar suas perspectivas culturais e buscam identidade e alteridade, mostrando as muralhas invisíveis que separam as pessoas por status social, as culturas e as etnias, que não veem mais umas as outras, pelo menos como deveriam. O que se percebe na realidade social são o uso e “abuso” do humano pelo outro, numa perspectiva de coisificação do outro em benefício próprio.

Essas perspectivas ficam bem claras no primeiro conto, quando um EU sem nome e sem apresentação, e desconsiderando as regras gramaticais, a exemplo da pontuação, chama atenção: “ninguém aqui é escravo de ninguém” (FREIRE, 2010, p. 20). Esse Eu anônimo, que pode ser qualquer um que tome para si tal perspectiva, é arbitrário gramaticalmente, tem uma linguagem coloquial e certa ansiedade ao expressar as ideias, ansiedade que é percebida pela ausência de vírgulas e pontos usados como forma de parar o fluxo da leitura, a continuidade do texto, em expressões breves. Podemos inferir que a arbitrariedade gramatical remete a própria ‘insubordinação’ de falar, expressar um olhar protestador para a própria condição em

está inserido socialmente. Essa voz, na visão ideológica de uma sociedade capitalista, patriarcal, preconceituosa e desigual, seria um atrevimento.

Ao final de cada frase-parágrafo, essa voz chama atenção do ouvinte-leitor que, na verdade, não o lê, o escuta, tal é a forma como se expressa verbalmente, com gracejos e ditos de uso coloquial. Nesse palavreado, vai narrando a vida sacrificada de muitos, especialmente do negro, uma vez que usa nomes de origem africana para seus personagens como Zumbi, Obatalá, Olarum e Quelé.

Percebe-se uma tonalidade irônica no texto, que deixa bem clara as fronteiras entre sujeitos que pertencem a status econômicos distintos e, ao mesmo tempo, as diferentes visões quando se trata de lentificar valores sociais e culturais muito assimétricos: “Enquanto rainha Quelé limpa fossa de banheiro. Sabango bungo na lama e isso parece que dá grana, porque o povo se junta e aplaude Sabango na merda pulando de cima da ponte. Tá me ouvindo bem”? (FREIRE, 2010, p. 20)

Vemos que o personagem chama atenção para o fato de que a penúria social de um, pode ser um atrativo para contemplação e prazer do outro que até paga para olhar o outro ferir a própria dignidade como, no caso em questão, tomar banho em água podre de fezes para poder ganhar dinheiro para subsistência.

Vemos na trama, a desconstrução de uma figura que poderia fazer parte da realeza em outra realidade cultural, no entanto, é submetida ao trabalho que, no Brasil, na maioria das vezes, é assumido pelos negros. Percebe-se um toque de ironia e uma tentativa de apresentar a identidade ignorada, o desrespeito cultural e, sobretudo, a coisificação do homem pelo outro.

Assim, a identidade acaba assumindo uma perspectiva multiforme. Para Manuel Castells (2008, p. 22), a identidade “É a parte de significado e experiência em um povo”. Já Zygmunt Bauman (2005) observa que aquilo que nos distingue de todas as outras pessoas é o que somos e isso é identidade, embora saibamos que, como já ensina Stuart Hall (2005), a identidade não é estática, ela sofre alterações, transformações em

todo o tempo de nossa vida, uma vez que o ser humano é, por natureza, um ser em constante movimento (in)evolutivo. Assim, a identidade vai se formando e transformando ao longo da história de cada povo (coletividade) e de cada pessoa (subjetivamente).

No entanto, a obra de Freire mostra a subtração das identidades culturais de povos e de indivíduos que se “destoam” dos preceitos socialmente construídos, é uma identidade coletiva atingida pelo poder do outro. Dessa forma, reconhecer-se em si e no meio em que vive pode ser um princípio de afirmação do sujeito e de sua identidade, mas também soa como insubordinação, como se uma parte da população tivesse que cumprir o tipo de vida a que foi condicionada.

É nessa perspectiva que observamos as várias vozes expressas nos contos de Freire, numa busca de alteridade, tanto no que condiz aos movimentos da sociabilidade quanto ao que diz respeito aos processos de aculturação, como podemos observar no conto Nossa Rainha.

Mãe, eu quero ser Xuxa. Mas minha filha. Eu quero ser Xuxa. A menina não tem nem nove anos, fica tagarelando com as bonecas. Com as pedras do Morro. Eu quero ser Xuxa. Mas minha filha. A mãe ia fazer um book, como? Viu no jornal quanto custa. Perguntou ao patrão, no Leblon. Um absurdo! Ia bater na porta da Globo? Nunca. A menina parecia uma lombriga. Porque nasceu desmilinguida. Mas vivia dizendo, a quem fosse: eu quero ser Xuxa. Que coisa! Que doença! Ainda era muito pequena. Eu quero ser Xuxa. Quem não pode se acode. A mãe já vivia da ajuda do povo. Mas tinha de levar a menina ao cinema. Toda vez que aparecia um filme novo. O que Xuxa está pensando? O que Padre Marcelo está pensando? Que tanto disco à venda, que tanto boneco, que tanta prece! Tenha santa paciência. O Padre Marcelo a mãe trocou por um pai de santo. Esse, pelo menos, só me pede umas velas. De quando em quando, uma galinha preta. Que eu aproveito e levo daqui, quando tem réveillon. Despacho de rico só tem o que é bom. Mas a menina não tem jeito. É uma paixão que não tem descanso. Eu quero ser Xuxa. Eu quero ser Xuxa. Eu quero ser Xuxa. Um dia eu esfolo essa condenada. Deus me perdoe. Essa danada da Xuxa. Dou uma surra nela para ela tomar jeito. Fazer isso com filha de pobre. Que horror! (FREIRE, 2010, p. 73)

Vemos que o poder midiático, juntamente com as forças do capitalismo, desconstrói identidades, fomentam o consumo e tiram, muitas vezes, o sossego de famílias, como é o caso da personagem, por não poder satisfazer o desejo estimulado pela mídia, que prega sonhos como se fossem aspectos de uma realidade próxima quando, para algumas pessoas, não seria pos-

sível nem sonhar. No entanto, é difícil para a criança separar o real do imaginário, especialmente quando alguém por traz da tela da televisão tenta fazer tudo parecer normal e acessível.

Xuxa, para a menina, seria o exemplo de tudo que ela poderia almejar, e para ter ou alcançar isso, ela imaginava que teria quer ser a própria, ou seja, branca, bonita, magra, porque com as características que a menina tinha, talvez fosse impossível estar no lugar de Xuxa. Vemos que, embora a criança não saiba expressar, ela sente essa diferença e se reconhece como parte de um lugar que não condiz com o que ela vê.

Esses aspectos nos levam a observar a pluralidade e contradição em que vivem os indivíduos, uma vez que precisamos distinguir o papel social e a perspectiva individual do sujeito, ou seja, a representação do indivíduo no meio coletivo e o que ele é como ser. Nesse contexto Castells observa que:

[...] É necessário estabelecer a distinção entre a identidade e o eu que tradicionalmente os sociólogos têm chamado de papéis, e conjunto de papéis. Papéis (por exemplo, ser trabalhador, mãe, vizinho, militante, socialista, sindicalista, jogador de basquete, frequentador de uma determinada Igreja e fumante ao mesmo tempo) são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade. A importância relativa desses papéis no ato de influenciar o comportamento das pessoas depende de negociações e acordos entre indivíduos e essas instituições e organizações. Identidades, por sua vez, constituem fontes de significados para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação. Embora [...] as identidades possam ser formadas também a partir de instituições dominantes, somente assumem tal condição quando e se os seus atores sociais as internalizam, construindo seu significado com base nessa internalização. (2008, p. 22-23)

Percebemos que, socialmente, há diferentes formas de pensar e agir a respeito da internalização de significados culturais e sociais. Nos contos de Freire o que percebemos são situações impostas e não internalizadas, por isso a voz insubordinada dos personagens soa como um canto ou um grito. Os textos de Freire trazem abordagens socioculturais diferenciadas, com linguagem e formas que apresentam indagações, pensamentos que não imaginamos em pessoas do lado oposto ao nosso, tal qual o Eu que fala e leva o indivíduo-leitor à reflexão, ao questionamento sob vários enfoques e direções como se vê no canto ‘Curso superior’:

O meu medo é entrar na faculdade e tirar zero eu que nunca fui bom de matemática fraco no inglês eu que nunca gostei de química geografia e português o que é que eu faço agora

hein mãe não sei.

O meu medo é o preconceito e o professor ficar me perguntando o tempo inteiro por que eu não passei por que eu não passei por que eu não passei por que fiquei olhando aquela loira gostosa o que é que eu faço se ela me der bola

hein mãe não sei.

[...]

O meu medo é a situação piorar e eu não conseguir arranjar emprego nem de faxineiro nem de porteiro nem de ajudante de pedreiro e o pessoal dizer que o governo já fez o que pôde já pôde o que fez já deu a sua cota de participação

hein mãe não sei.

O meu medo é que mesmo com diploma debaixo do braço andando por ai desiludido e desempregado o policial me olhe de cara feia e eu acabe fazendo uma burrice sei lá uma besteira será que vou ter direito a uma cela especial

hein mãe não sei. (FREIRE, 2010, p. 97-98)

Veja-se que é o contexto de uma realidade que remete, como bem verifica Antonio Candido (2006), a outras realidades. Freire dá voz ao outro lado para que o leitor possa fazer juízo de valores, conhecendo as faces da moeda, uma vez que somos levados a olhar o outro de forma preconceituosa sem refletir sobre o que o levou a determinada situação.

O conto tem uma repetição paralelística linguística e semântica, cada parágrafo começa pela colocação 'o meu medo', aspecto que mostra a própria condição de vida do personagem e que enfatiza também contexto de temor ao que pode acontecer em consequência de sua cor e posição social. O medo da possibilidade de ser confundido pelas outras pessoas que se deixam levar apenas pelo que ver materialmente uma vez que existe uma imagem concretizada, estagnada sobre determinados grupos sociais.

Os parágrafos terminam com a invocação à mãe, podemos perceber que mistura-se na voz que canta, o respeito, o amor e o medo da decepção. A mãe é aquela que confia, que acredita, que ama, mas também é aquela que sofre ao ver o filho sofrer. A mãe alcança uma dimensão bem maior, quando relacionamos a indagação do personagem não só a mãe biológica, mas também a mãe entidade maior a quem pode recorrer o mero mortal em perigo, em desespero ou com medo. O canto tem uma sonoridade, um ritmo, como os outros que compõem o livro, aspectos que nos levam a observar o canto do negro, o

canto de África que remete a lamentações dos escravos em sua rotina de sofrimento.

Dessa forma, a Literatura passa através da linguagem usada, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da realidade da qual ele recebeu inspiração, porque os fatos que lhe deram origem se encontram historicamente enraizados. Assim, é possível render-se a outra vida, frente a historicidade criada pelo autor. Segundo Candido (2006), a análise de um texto não pode e nem deve ignorar as perspectivas social, cultural e histórica que estão essencialmente postas na literatura.

Na perspectiva social em que estamos inseridos, é preciso considerar o olhar do outro, como eu me vejo e como o outro me vê; o que eu sou e o que o outro pensa que eu sou; o que eu represento no meu grupo social e como outros grupos veem o meu grupo. Esse jogo de representações acaba por caracterizar as contradições, os equívocos e preconceitos no contexto social mais amplo, perspectivas que ficam evidentes no conto "Solar dos príncipes", em que se percebe a divisão de fronteiras, as fraturas sociais, a condição abissal das territorialidades socialmente assimétricas.

Solar dos príncipes é o segundo conto do livro, e um dos poucos contos em que encontramos uma interferência em terceira pessoa. O texto começa com a chegada de três homens e uma mulher na porta de um edifício, fato que assusta o porteiro do prédio por imaginar, levado pela aparência dos recém-chegados, que se trata de um suposto assalto, quando eles queriam apenas fazer uma reportagem sobre como os ricos se sentem sendo o que são: "A ideia é entrar num apartamento do prédio, de supetão, e filmar, fazer uma entrevista com morador [...]. O pessoal vive subindo o morro para fazer filme. A gente abre as nossas portas, mostra nossas painelas, merda." (FREIRE, 2010, p. 24)

Percebe-se, no fragmento, a inserção do outro lado da moeda, a cobrança pelos mesmos direitos ou, pelo menos, de fazer com que as pessoas que pertencem a status sociais mais elevados sintam na pele, aquilo que acham normal quando são os outros a passar por determinadas situações. As casas dos pobres são praticamente

“invadidas”, suas vidas expostas e muitas vezes espetacularizadas, para o entretenimento de muitos que veem a realidade mundana apenas pela telemática, uma vez que a própria mídia, a exemplo da televisiva, pela forma como conduz alguns fatos, cria dificuldades para que o telespectador possa, autonomamente, chegar a uma constatação. É como se mostrasse realidades de outro mundo e não do que vivemos, porque as notícias e reportagens, como bem mostra Chauí (2006), são filtradas e tendenciadas conforme interesse de quem está por trás dessas reportagens. Assim, Freire mostra como seria a situação inversa, dando voz aos excluídos que são usados, muitas vezes, para o alcance de “IBOPE”. Nesse contexto, observemos o fragmento abaixo:

A graça era ninguém ser avisado. Perde-se a espontaneidade do depoimento, O condômino falar como é viver com carros na garagem, saldo, piscina, computador interligado. Dinheiro e sucesso. Festival de Brasília. Festival de Gramado. A gente fazendo exibição no telão da escola, no salão de festas do prédio. (FREIRE, 2010, p. 25)

Vê-se que uma das propostas de Freire, em suas narrativas, é colocar um no lugar do outro, para que haja, não a piedade, mas o respeito, reduzindo as fronteiras abismais<sup>3</sup> hipocritamente in-visibilizadas, como mostra o fragmento seguinte:

A gente não só ouve samba. Não só ouve bala. Esse porteiro nem parece preto, deixando a gente preso do lado de fora. O morro tá lá, aberto 24 horas. A gente dá as boas vindas de peito aberto. Os malandrões entram, tocam no nosso passado. A gente desabafa que nem papagaio. A gente canta, rebola. A gente oferece nossa Coca-Cola. (FREIRE, 2010, p. 25)

O conto mostra as relações contraditórias na produção de territorialidade em que se percebe, de uma parte, um território vulnerabilizado pela dependência financeira, e de outra, um território que se protege dos que são vistos como escória socioespacial. Os estereótipos depreciativos em torno da imagem do negro são muito comuns, tanto que muitos negros assumem posturas pre-

3 Quando utilizamos o termo, **Fronteiras Abismais**, estamos nos referindo ao imenso fosso socioespacial, das relações capitalistas contraditórias na produção de territórios, cujas relações sociais são, por princípio, bastante assimétricas.

conceituosas com a sua própria etnia, atitude essa tomada pelo porteiro do prédio que também é negro. O porteiro certamente não reside no condomínio, é apenas uma vítima do sistema e representa simbolicamente a condição de subordinação em que muitos negros e brancos de classes sociais mais baixas ainda se encontram inseridos. Dessa forma, os contos de Marcelino Freire provocam discussões e reflexões a respeito da sociedade que vivemos e da realidade que nos negamos a ver.

Todos esses pressupostos remetem às ideias de Boaventura de Souza Santos (2010) ao falar do pensamento abissal que permite diferentes mundos conviverem paradoxalmente juntos, evidenciando a realidade das contradições capitalistas. Nesse contexto o autor enfatiza que:

As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo ‘deste lado da linha’ e o ‘universo do outro lado da linha’. A divisão é tal que ‘o outro lado da linha’ desaparece enquanto realidade torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível. Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical, porque permanece exterior ao universo que a própria concepção aceita de inclusão e considera como sendo o outro. (B. d. S. SANTOS et al., 2010, p. 332)

As observações de Santos se evidenciam claramente nos contos de Freire em que são apresentadas as outras vozes, a visão de quem está ‘do outro lado da linha’ com bem vemos no trecho a seguir:

[...] Não tem quem goste de polícia. A gente não quer esse tipo de notícia. O esquema foi todo montado num puta dum sacrifício. Nicholson deixou de ir vender churro. Caroline desistiu da boate. Eu deixei esposa, cadela e filho. Um longa não, é só um curta. Alegria de pobre é dura. Filma. O que? Dei a ordem: filma.

Começamos a filmar tudo. Alguns moradores posando a cara na sacada. O trânsito que transita. A sirene da polícia. Hã? A sirene da polícia. Todo filme tem sirene de polícia. E tiro. Muito tiro [...] (FREIRE, 2010, p. 26)

Como não poderia faltar em ações em que se encontram presentes favelados e negros, há a presença da polícia que configura a realidade assinalada pelo porteiro ao imaginá-los como assaltantes. Tais premissas nos levam ao pensamento de Malta, ao se referir aos territórios produzidos pelas desigualdades sociais:

O desafio que representa o exercício do poder, num país em que as correlações de força produzem ter-



ritorialidades corrompidas por práticas fisiológicas, espaços em que se produzem relações de dependência e em que os direitos da maioria da população são usurpados em benefício de minorias que assumem o comando das estruturas ideológicas e tecnoburocratas que mantêm o poder. (2014, p. 288)

Dessa forma, os contos negreiros, de Marcelino Freire podem, sem dúvida, ser usados na sala de aula, uma vez que, como afirma Malta (2014, p. 289):

Com uma boa dose de criatividade do professor, [se apropriando do] conceito de território, poderá demonstrar como os agentes que produzem o espaço definem as territorialidades, no sentido de perceber para quem? como? Quais os interesses que estão em jogo na organização e produção do espaço em suas interconexões escalares que vão do local ao regional, nacional, continental e global.

Os contos em questão, nos permite observar contextos de vida que estão à margem de uma sociedade que procura dar, aos jovens, uma visão homogeneizada de vida social, na qual não estão presentes personagens como Vanicléia, do conto de mesmo nome. Essas pessoas são vistas no contexto socioespacial<sup>4</sup> como esdrúxulas, e talvez por isso, a incidência do preconceito. Vanicléia é citada no conto como uma prostituta que morreu por ser maltratada pelos próprios policiais. O texto traz uma narradora, uma mulher que vivia na prostituição, mas sonhava com o casamento, porque a fizeram acreditar ser, ele, o sonho e a 'salvação' de toda mulher. No entanto, o que se percebe nesse Eu é uma completa desilusão com a vida e decepção com o homem a quem chama de marido:

Agora que valor me dá esse Belzebu? Quanto vale ele ali, na praça? Pergunta, pergunta. A vida dele é me chamar de piranha e de vagabunda. E tirar sangue de mim. Cadê meus dentes? Nem vê que eu estou esperando uma criança. Agora, disso ninguém tem ciência. Ninguém dá um fim. Mulher como eu ser tratada assim. (FREIRE, 2010, p. 42)

O conto mostra uma vida de sonhos que foram desviados e uma situação da qual algumas

4 O termo socioespacial remete as concepções de Milton Santos (2005) que se fundamenta no conceito de formação socioespacial. Nesse sentido, nos processos de reprodução social considera-se, para explicar a formação socioespacial, a evolução de uma dada sociedade, em cuja realidade capitalista se apresenta socialmente contraditória e desigual. Essa concepção, como método de abordagem, pode ser estudada examinando-se a totalidade em sua concepção histórico-concreta.

mulheres não têm como sair, apesar das inúmeras transformações já observadas no contexto histórico-social feminino. Entendemos que provocar o olhar do jovem para esses fatores, é dar a ele oportunidade de conhecer historicamente e culturalmente o mundo em que está inserido e, ao mesmo tempo, perceber mudanças ou acomodação de situações não mais aceitáveis. Do mesmo modo, a visão do personagem leva a reflexão sobre si mesmo, aceitando ou não seus argumentos e ações. Vemos, no conto, representadas pela voz da prostituta, outras tantas vozes como a mãe inconformada, a pobre marginalizada e sem perspectiva de ascensão social, a mulher espancada, e a esposa arrependida, situação que reproduzem a marginalidade de classes e de indivíduos, em contraposição a situações diferentes daquela idealmente pretendida.

É claro que o professor deve orientar o processo de leiturização dos estudantes e assim identificar quais leituras podem e devem ser feitas e, principalmente discutidas em sala de aula. No conto "Esquece" percebemos, até certo ponto, a desconstrução do imaginário social em relação à violência. O vocábulo é colocado como sinônimo de situações em que se costuma ver um dos lados como vítima, mas o conto mostra, na voz de quem está do outro lado, outra perspectiva de violência causada pela desigualdade:

Violência é carrão para em cima do pé da gente e fechar a janela de vidro fumê e a gente nem ter a chance de ver a cara do palhaço de gravata para não perder a hora ele olha o tempo perdido no rolex dourado.

Violência é a gente naquele sol e o cara dentro do ar condicionado uma duas três horas quatro esperando uma melhor oportunidade de a gente enfiar o revolver na cara do cara plac.

Violência é ele ficar assustado porque a gente é negro ou porque a gente chega assim nervoso a ponto de bala cuspindo gritando que ele passe a carteira enquanto as bocas buzizam desesperadas. [...] Violência é a gente receber tapa na cara e na bunda quando socam a gente naquela cela imunda cheia de gente e mais gente e mais gente pensando como seria bom ter um carrão do ano e aquele relógio rolex mas isso fica pra depois uma outra hora. Esquece. (FREIRE, 2010, p. 31-32)

A falta de pontuação no texto denota a pressa do próprio personagem em mostrar as várias situações e, ao mesmo tempo, a pressa das ações que ele mesmo descreve como a falta de tempo do homem do carro, a forma como abordam as pessoas apressadamente e nervosos, entre

outros. É interessante observar como os espaços metropolitanos marcados ‘de um lado da linha’, como símbolo de modernidade e desenvolvimento, são “invadidos”, segundo Santos (B. d. S. SANTOS et al., 2010, p. 44) por forças opressoras, confirmando a visão abissal que, segundo ele:

Os direitos humanos são dessa forma violados para poderem ser defendidos, a democracia é destruída para garantir a sua salvaguarda, a vida é eliminada em nome de sua preservação. Linhas abissais são traçadas tanto no sentido literal quanto metafórico. No sentido literal essas são as linhas que definem as fronteiras como vedações e campos de morte, dividindo as cidades em zonas civilizadas (*gaget communities* em número sempre crescente) e zonas selvagens, e prisões entre locais de detenção legal e locais de destruição brutal e sem lei da vida.

As observações de Santos são alegadas no conto “Nação Zumbi”, que mostra pessoas que se submetem a determinadas situações como se fossem oportunidades de melhorar a vida, mas, ao mesmo tempo, vê-se a alienação e a hipocrisia dos que sempre estão do lado oposto da linha, aqueles que se dão bem nos sistemas de correlações de força:

Que merda!

Porque não cuidam eles deles, ora essa? O rim é meu ou não é? Até um pé eu venderia e de muleta eu viveria. Na minha. Um olho enxerga pelos dois ou não enxerga? Se é pra livrar a minha barriga da miséria até cego eu ficaria. depois eu ia ali na ponte, ao meio dia, ganhar mais dinheiro. Diria que foi um acidente, que esses buracos apareceram de repente, em cima do meu nariz. Quem quer ver a agonia de um doente, assim, infeliz, hein, companheiro?

Fácil é denunciar, cagar regra e caguetar. O que é que tem? O rim é meu, bando de filho da puta? Cuidar da minha saúde ninguém cuida. se não fosse eu mesmo me alimentar. arranjar batata e caruá, pirão de caranguejo. Não tenho medo de cara feia, não tenho medo.

Porque você não se preocupam com os meninos aí, soltos na rua? Tanta criança morta e inteirinha, desperdiçada em tudo que é esquina. [...] Aqui se mata mais que na Etiópia, à mingua. [...] (FREIRE, 2010, p. 54-55).

Vê-se que as perspectivas espaciais, tanto físicas quanto subjetivas, estão presentes nos contos de Freire. Assim como também, as perspectivas socioculturais das quais participam a sociedade contemporânea. Dessa forma, os dois lados da linha observados por Boaventura Santos embasam as discussões provocadas por Freire.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No texto apresentado, procuramos demonstrar, ainda que de forma seminal, que a Educação, a Literatura e a Geografia participam de um corpo integrado de conhecimento, o qual costumamos denominar de interdisciplinaridade. Nesse caso, os conhecimentos postulados desses campos de conhecimento formam um amalgama que visa a completude do conhecimento. Apesar de ser uma tarefa infundável estabelecer todas as possibilidades de ligações disciplinares, acreditamos que, agindo dessa forma, estamos contribuindo para uma formação integrada e mais significativa para os nossos estudantes.

Nesse ínterim, consideramos que as atividades pedagógicas que dirigimos aos nossos estudantes são atividades eminentemente comunicacionais e, que essa característica enseja processos interativos e processos de significação pedagógica, processos esses que consideramos de grande valor na teia de relações construídas no âmbito escolar. Obviamente, que os resultados dos processos comunicacionais no âmbito escolar vão depender muito do tipo de comunicação que se processa nesse nível e da densidade e da espessura de tais processos, ou seja, quanto maior forem os estímulos pedagógicos para a prática da comunicação integrada e significativa, melhores serão os resultados da aprendizagem.

Para promover maior espessura das reflexões, consideramos as aproximações, empírica e teórico-metodológicas entre Educação, Literatura e Geografia, em termos dos contributos para se desfrutar de conhecimentos que transitam entre esses campos de conhecimento e os benefícios que esses entrelaces produzem na aprendizagem dos nossos estudantes. Dessa forma, percebemos que o contista Marcelino Freire, tem trazido enormes contribuições ao entendimento do Homem, enquanto sujeito caracterizado por diásporas culturais e étnico-raciais.

Na obra de Marcelino Freire encontramos dezenas de contos, em que emergem múltiplos contextos socioculturais. Em perspectiva, esse autor procura dar voz aqueles que se encontram discriminados social e etnicamente. Foi possível constatar que o seu olhar se dirige para uma

crítica contundente à sociedade contemporânea e, ao mesmo tempo, convida o leitor a pensar sobre o valor da liberdade, como característica essencial ao exercício da cidadania. Nesse contexto, o autor constrói enredos que reforçam a necessidade da busca da identidade e alteridade, evidenciando as territorialidades e as fronteiras invisíveis e abissais que, em geral, coisifica o homem na sua condição de ser e de estar no mundo.

## Referências

- BAUMAN, Z. **Identidade**. São Paulo: Jorge Zahar Editora, 2005.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política, Ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacao>>.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 6. ed. São Paulo: Paz na Terra, 2008.
- CHAUÍ, M. **Simulacro e poder, uma análise da mídia**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- FREIRE, M. **Contos negreiros**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- GOTLIB, N. B. **Teoria do conto**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2003. (Série Princípios).
- HALL, S. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DPA, 2005.
- LESSARD, C.; TARDIF, M. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Tradução: João Batista Kreuch. 8. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- MALTA, S. **Entre a Geografia e a Literatura: inteligibilidade didático-pedagógica em mundo, linguagem e literatura ao gosto popular, de Socorro Almeida**. In: FARIAS, P. S. C.; OLIVEIRA, M. M. de (organizadores). **A formação docente em Geografia: teorias e práticas**. Campina Grande: EDUEFG, 2014.
- SANTOS, B. de S.; MENEZES, M. P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.
- SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.